

A GRAVURA POLÍTICA DE RUBEM GRILO: PUBLICAÇÕES IMPRESSAS NO JORNAL MOVIMENTO

Beatriz Basile da Silva Raucher¹
Victor de Oliveira Marcelo²

Resumo: O presente artigo propõe analisar a colaboração do artista Rubem Grilo para o Jornal Movimento durante a década de 70, período intensificado da Ditadura Militar no Brasil, tendo como base o levantamento do arquivo do jornal, fontes bibliográficas e registros de entrevistas com o artista. Pretende-se também compreender a relação entre a xilogravura e a ilustração, assim como aproximar a produção do artista a outros gravadores que dialogam com seu trabalho.

Palavras-chave: Gravura, Ilustração, Jornal Movimento, Rubem Grilo.

1 Professora doutora no curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: beatriz.rauscher@gmail.com

2 Graduando em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: marcelo.victor2014@bol.com.br

Introdução

O presente artigo recorta a análise da colaboração do artista Rubem Grilo para o *Jornal Movimento* durante a década de 70, período intensificado da Ditadura Militar no Brasil, tendo como base o levantamento do arquivo do jornal, fontes bibliográficas e registros de entrevistas com o artista.

Nosso propósito foi entender a relação entre a xilogravura e a ilustração, assim como aproximar a produção do artista a outros gravadores que dialogam com seu trabalho. Será observada aqui a presença das relações entre arte e política na obra de Grilo. Partindo do campo da gravura, podemos observar que suas características processuais, como a gravação, a impressão e a multiplicação, são determinantes como dispositivo estético privilegiado para a arte crítica. Desde sua origem ela apresenta um caráter multi-exemplar sendo utilizada para a publicação impressa de imagens e textos com uma função gráfica.

A xilogravura consiste na arte da gravação (*graphein*) sobre a madeira (*xylon*). O modo de trabalho obedece a um procedimento simples e com o emprego de poucos materiais. Para Walter Benjamin (1994) com a xilogravura o desenho tornou-se pela primeira vez tecnicamente reproduzível, muito antes que a imprensa prestasse o mesmo serviço para a palavra escrita.

No entanto, outras técnicas de impressão que permitiam um desenho direto como a litografia e a gravura em metal, fizeram com que a xilogravura perdesse a prioridade nesse espaço. Seu retorno ocorrerá no século XX pelos artistas do Expressionismo, movimento de vanguarda artística, cuja temática enfatiza o drama humano. Esses artistas elevaram a xilogravura do ofício à linguagem ressaltando seus aspectos e a valorizando a expressão.

No Brasil, a tradição da xilogravura está ligada às manifestações populares tais como o cordel, que já na década de 20 começou a confeccionar seus folhetos ilustrando-os desta forma na qual a imagem seguia o conteúdo imagético da poesia. De outro lado, artistas modernos egressos das vanguardas europeias, entre os quais destacam-se Oswald Goeldi e Lasar Segal, ajudaram a difundir a xilogravura no país e a formar uma geração de gravadores, alguns vinculados à gráfica impressa e ao trabalho da ilustração.

Na geração na década de 70 se insere o artista mineiro Rubem Grilo, que começou sua carreira no Rio de Janeiro em 1971 e em 1973 iniciou a colaboração em periódicos. O artista contribuiu com jornais como *Opinião*, *Versus*, *Folha de São Paulo*, *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *Pasquim*, além do *Jornal Movimento* de 1975 a 1979.

1. Artistas gravadores que publicaram ilustrações

Fabrcio Vaz Nunes (2015) propõe algumas formas de análise para a relação entre o texto literário e a ilustração, o que ajuda a entender o conceito de ilustração e como esta se apresenta no contexto da gravura. Para Foucault (2008), as palavras conservam sua derivação do desenho e estado de coisa desenhada. A imprensa, meio no qual será popularizada a escrita, tem sua origem na tipografia, desdobramento das primeiras técnicas de gravação e impressão.

O trabalho realizado em parceria entre um artista e um escritor para Nunes (2015) é uma tarefa complexa que revela afinidades, analogias, aproximações, do mesmo modo, que tensões e a defesa da autonomia das linguagens e das diferentes formas de expressão.

Alguns gravadores colaboraram com a ilustração de textos literários e periódicos. Entre eles estão Axl Leskoschek (1889 - 1975) xilogravador austríaco que veio para o Brasil fugindo do nazismo e lecionou no Rio de Janeiro, tendo como alunos vários nomes da gravura brasileira. Ilustrou livros, a maioria publicada pela Editora José Olympio, entre eles as traduções brasileiras de Fédor Dostoievski (1821 - 1881). Oswald Goeldi foi outro xilogravador que ilustrou textos literários, incluindo as Obras Completas de Dostoievski pela mesma editora, José Olympio. E na década de 40 se consolidou como ilustrador e começou a colaborar com o jornal *A Manhã*.

Além destes, artistas como Poty Lazzarotto, Lívio Abramo, Hansen Bahia, entre outros, foram gravadores que colaboraram ilustrando trabalhos de escritores. As imagens que acompanham textos literários, na maioria das vezes, são criadas a partir do mundo do texto.

Na ilustração literária em sua forma mais tradicional – ou seja, em que o trabalho gráfico é produzido posteriormente à obra escrita – as imagens “nascem” do texto, ou melhor: nascem de uma determinada relação estabelecida entre texto e ilustrador. Mas se o texto, por si só, não sugerisse a todos leitores, ilustradores ou não, uma série de “imagens”, como imagens verbais, a ilustração de livros de ficção não seria possível. Se a contaminação entre imagens e textos vale para as imagens, deve ser válida também para os textos. (NUNES, 2015, p.37)

No entanto, quando se trata da gravura usada no Jornal Movimento por Rubem Grilo o próprio artista em entrevista ao SENAC em 1999 diz que utilizou justamente a técnica da xilogravura para diferenciá-la de uma forma apropriada pela imprensa. Há uma distinção entre o trabalho de Grilo e a ilustração, se entendermos esta no sentido tradicional. Para Kornis (1985) no trabalho do artista a imagem não se subordina ao texto, enquanto a ilustração se situa como transposição visual deste.

2. Arte e política nos anos 70 no Brasil

Nos anos 70 o Brasil passava pela Ditadura Militar (1964 a 1985), um contexto político de repressão ao que fosse oposto ao regime governamental. No cenário cultural as mudanças estimuladas pelo capitalismo favoreciam o consumo de massa e de produtos da indústria midiática norte americana. De outro lado estavam intelectuais e colaboradores de várias áreas que resistiram e foram responsáveis por uma produção cultural(?) diversificada.

Para Cayases (2014) a arte neste período é politicamente comprometida, não pelo tema, mas pelo meio, por esse ímpeto de sair na procura do público, sair às ruas em busca de pessoas para criar uma consciência do presente. Bases estas que já estavam sinalizadas nos anos 1950 e 1960.

Apesar das artes visuais não terem o mesmo impacto do cinema ou do teatro ou entendimento rápido como na música, havia nesse período um movimento de comunicação, de extrapolar as fronteiras institucionais. Nesse sentido, a gravura de Rubem Grilo em um jornal acompanhava essas mudanças.

3. Gravadores brasileiros contemporâneos a Rubem Grilo

Os artistas se posicionaram nesse contexto, cada um à sua maneira, alguns produzindo trabalhos mais diretos, outros menos, porém sem deixar de serem críticos ao momento que o país passava. Nomes da gravura como Antônio Henrique do Amaral e João Câmara possuem características que podem ser dialogadas com a produção de Rubem Grilo.

Antônio Henrique Do Amaral (1935-2015), paulista, estudou gravura com Lívio Abramo e no final dos anos 60 desenvolveu trabalhos em xilogravura como uma forma de crítica ao governo. O Brasil já vivia sob Regime Militar (1965-1985) que se tornou ainda mais repressivo nos anos 70. O enquadramento, o uso do preto e branco e a fragmentação do corpo são elementos perceptíveis tanto em seu trabalho quanto na obra de Grilo e, em ambos aparece contida a referência à tortura. Nas obras de Grilo este aspecto fica mais evidente com a presença frequente de muitos objetos pontiagudos e cortantes (Figuras 1 e 2).



Fig. 1 – AMARAL, Antônio Henrique do.
Consensus. 1967. xilogravura, p&b., 45,5 x 64 cm.



Fig. 2 – GRILO, Rubem. Jornal Movimento.
São Paulo, n. 100, p. 02, 30 de maio de 1977.

João Câmara é outro artista comprometido com uma visão crítica da sociedade. Esse artista paraibano teve uma produção que retratou as questões sociais e o período da Ditadura Vargas (1930 e 1945) entrelaçando ficção e dados históricos em uma série de pinturas e 100 litografias, intituladas Cenas da Vida Brasileira, realizadas de 1974 a 1976. Tanto nos trabalhos de Câmara quanto nos de Grilo a estranheza é uma marca (Figuras 3 e 4). Linhas finas demonstram a exímia habilidade dos artistas na gravação, revelando um trabalho minucioso.

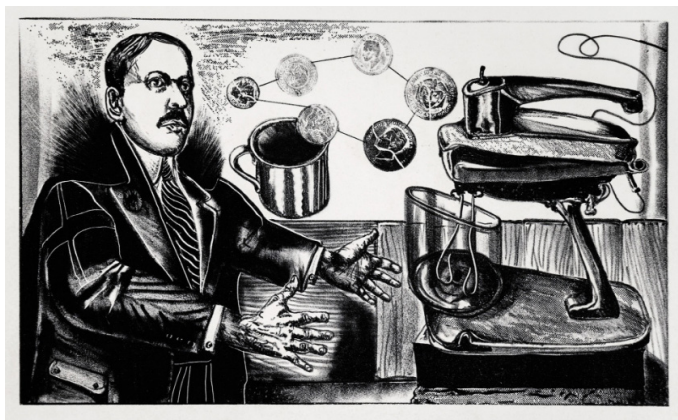


Fig. 3 - CÂMARA, João. Magics Engraving. litografia, p&b., 21,5 x 35,5 cm.



Fig. 4 - GRILO, Rubem. Jornal Movimento.
São Paulo, n. 20, p. 02, 04 de fevereiro de 1977.

4. O Jornal Movimento

O Jornal Movimento surgiu em 1975 em São Paulo, como um jornal alternativo que acreditava na tarefa de que era possível não apenas descrever o mundo, mas ajudar a transformá-lo. O novo periódico surgiu como resistência ao fim do semanário Opinião, tendo a vontade de realizar um “jornal dos jornalistas”, feito da colaboração e financiamento coletivo, como aponta Azevedo (2011). Um jornal comprometido com a política e a crítica social.

Rubem Grilo trabalhou na equipe na sessão de arte exercendo a função de desenhista, durante os anos de 1975 a 1979. Sua participação, assim como outros já vinha da experiência no Opinião. Em entrevista para Otto Reifschneider o artista explica as motivações para participar desses projetos.

Na época surgiram os jornais alternativos, com a publicação de bons desenhistas, o que me pareceu um caminho mais estimulante, longe dos impasses conceituais da arte. O resultado era direto. A imagem entrava em circulação. A função social da obra passava a se justificar somente pela circulação da obra, encontrando o leitor. (GRILO, apud REIFSCHNEIDER 2013, p. 129)

No arquivo do jornal cerca de 80 imagens foram publicadas durante os cinco anos, totalizando 49 edições, em que o artista colaborou. O ano em que Grilo mais publicou foi 1977. Ao todo foram sete capas e 14 imagens se repetem em edições e anos diferentes.

A obra de Grilo se insere na história da gravura brasileira como legítima herdeira dos Clubes de Gravura os anos 50. Aracy Amaral (2003) revela que os artistas engajados nos clubes de gravura colocavam suas imagens em cima das notícias como comentário aos fatos políticos. E Costa (1994) complementa ao dizer que a gravura não abandonou a ilustração, tendo como tema o homem e a realidade social. Por este motivo manteve presente

a ligação entre arte e política, falando de si própria, da arte e do país, e é considerada, por este autor a ‘arte da luta’. É nessa vocação que a obra de Grilo se insere, não apenas no período da colaboração com *Jornal Movimento*, mas por toda sua carreira.

4. O artista Rubem Grilo

Para Rubem Grilo a imagem é decorrência de muitos estudos em desenho que depois se tornam matéria para entalhar a madeira e fazer as impressões. Como coloca Paulo Herkenhoff (1996), “Grilo pensa com a faca de gravar, pensa gravando. Uma tarefa que requer muito tempo”.

Do Rio, Grilo enviava suas impressões em xilogravura. O processo era ainda mais trabalhoso do que das ilustrações habituais. Eram gastos dois dias gravando a madeira para depois “carimbar” o papel aponta Azevedo (2011). E guardar as matrizes lhe permitia reimprimir as imagens em outros momentos. No jornal as imagens eram reduzidas por conta da diagramação e muitas vezes fragmentadas, exceto as capas, as únicas também que ganharam cores. Na maior parte do tempo elas serviam de ilustrações acompanhando textos jornalísticos e literários.

Percebe-se ao comparar algumas dessas imagens em catálogos que elas apresentam títulos de cunho social (‘Crise do Capitalismo’, ‘Greve’, ‘Relações de Trabalho’, entre outros). As reais dimensões são relativamente pequenas, entre 20 a 30 cm, mas ricamente detalhadas.

Em termos de análise das personagens e das cenas retratadas chama atenção a construção das figuras. As linhas finas do entalhe confeccionadas com buril lembram corpos dissecados. Personagens velhas e muitas vezes mascaradas aparecem nas cenas em uma clara referência ao caráter conservador e reacionário do governo da época. A construção ficcional, na sua obra, pode ser lida como uma metáfora da própria sociedade brasileira, que mantém estruturas arcaicas no poder.

As figuras representadas não possuem uma identidade específica que as caracterizem como alguma personalidade política da época. Isso diferencia a produção do artista do trabalho tradicional da ilustração jornalística como vistas em quadrinhos e charges. Em algumas imagens as figuras são fundidas a objetos ou a bichos e tornam-se híbridos. Como no surrealismo, seres fantásticos ganham vida e se manifestam em narrativas repletas de enigmas.

É possível notar a presença da violência pelo uso contínuo de ferramentas que aludem à tortura, algo praticado por regimes autoritários e que aterrorizava o Brasil no período. Grilo evoca essa questão associando essa carga agressiva dos objetos a outros símbolos como a balança, referindo-se à justiça, ou os livros, ao conhecimento. A sutileza é uma estratégia das artes do período para passar pela censura, vistas à luz da história, as mensagens críticas são evidentes. O artista informa em entrevista que diferente da charge, mais facilmente compreendida por ser popular e lidar com assuntos de forma mais direta, a ilustração tinha camuflagem e podia ganhar impacto dependendo do contexto. Como aponta Rancière (2012) a arte é política antes mesmo de possuir uma mensagem política. Percebe-se isso no trabalho de Grilo que não oferece soluções, mas um sentimento humano de identificação com as pessoas.

O artista continuou colaborando com a imprensa após o período no Jornal Movimento (1975-1979). Ilustrou capas e livros para escritores, como Ferreira Gullar, Lygia Bojunga e Marina Colassanti e trabalhou para o fascículo Retrato do Brasil, um balanço do que foi o Brasil na Ditadura Militar.

Considerações Finais

Este artigo procurou observar as imagens de Rubem Grilo para o Jornal Movimento ancoradas na contextualização das artes nos anos 70, inclusive da gravura e da ilustração, aproximando a produção do artista a de seus contemporâneos, para enfatizar sua relevância como presença política na arte brasileira.

As imagens de Grilo são singulares, pois nos revelam um retrato do cenário

sociopolítico brasileiro, em uma abordagem quase surreal. Um trabalho artístico com liberdade expressiva possibilitando inventar mundos fantásticos, mas que traz à tona uma faceta sincera da sociedade. A permanência de sua obra está na estranheza e no rigor dos detalhes. Muitas situações contidas nas imagens ainda ressoam tão fortes e atualizadas. Com sua produção o artista possibilita um olhar crítico para as relações humanas e sociais.

Fica a questão: Até quando essas imagens irão ser vistas como resquício de antigas estruturas que insistem em continuar? Enquanto isso a arte e gravura como dispositivo estético poderá ser acessada pelos artistas para cumprir, para além da ilustração, um caráter crítico.

REFERÊNCIAS

AMARAL, A. A experiência dos clubes de gravura. In: **Arte pra quê?: a preocupação social na arte brasileira 1930-1970**. 3. ed. São Paulo, Studio Nobel, 2003. p. 174-225

AMARAL, A. H. do. In: **Antônio Henrique Amaral**. Disponível em: <https://bit.ly/2zyknN8>. Acesso em: 13 jan 2018.

AZEVEDO, Carlos (Org.); AMARAL, M.; VIANA, N. **Jornal Movimento: uma reportagem**. Belo Horizonte: Editora Manifesto. 2011. 336 p.

LESKOSCHEK, Axl. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2Hu3gjR>>. Acesso em: 10 de Fev. 2018.

BENJAMIN, W. A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica. In: **Magia e técnica, arte e política. Obras Escolhidas**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. v. 1. p. 165-196.

CÂMARA, João. In: **João Câmara**. Disponível em: <https://bit.ly/2Lk8D62>. Acesso em: 13 jan 2018.

CAYASSES, J. B. V. de. Isto não é uma obra: arte e ditadura. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 28, n. 80, Jan/Abr. 2014. Disponível em: < <https://bit.ly/2PozZxd>>. Acesso em 10 jan 2018.

COSTA, M. de L. **Poética da resistência: Aspectos da gravura brasileira**. São Paulo: Galeria Sesi/ Coleção Gilberto Chateaubriand, 1994. Catálogo de exposição.

FOUCAULT, M. O caligrama desfeito. In: **Isso não é um cachimbo**. São Paulo: Paz e Terra, 2008. p.17-36.

GRILO, Rubem; KORNIS, George E.. **Grilo Xilogravuras**. São Paulo: Circo Editorial, 1985.

HERKENHOFF, Paulo. Rubem Grilo: caminhos da razão. In: GRILO, Rubem. **Arte menor: xilogravuras**. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 1996. Catálogo de exposição.

KOSSOVITCH, L., LAUDANNA, M., RESENDE, R. (Org.). **Gravura Brasileira**. São Paulo: Cosac & Naif/ Itaú Cultural, 2000. 270p.

NUNES, Fabricio Vaz. Texto, imagem, ilustração. In: **Texto e Imagem: a Ilustração literária de Poty Lazzarotto (Volume 1)** Tese (Doutorado) Programa de Pós-graduação em Letras, Área de Estudos Literários da Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, 2015. p. 13-71.

OSWALDO, Goeldi. **Gravura**. Disponível em: <http://oswaldogoeldi.org.br/gravura.html>. Acesso em: 10 fev 2018.

RANCIÈRE, J. **O expectador emancipado**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

REIFSCHNEIDER, O. D. B. Do vazio à expressão (ou: sem concessões): entrevista com Rubem Grilo. **ARS**. São Paulo, v. 11, n.21, p. 118-147, 2013. Disponível em: < <https://bit.ly/2zvyaUr>>. Acesso em: 10 jan 2018.

Imagens

AMARAL, Antônio Henrique do. Consensus. 1967. xilogravura, p&b., 45,5 x 64 cm. Disponível em: < <http://www.antoniohenriqueamaral.com/gravura/udo1es3r4lozty0j9n5jc8wvup4bzb>>. Acesso em 10 de ago de 2018.

GRILO, Rubem. Jornal Movimento. São Paulo, n. 100, p. 02, 30 de maio de 1977.

Disponível em: AZEVEDO, Carlos (Org.); AMARAL, M.; VIANA, N. Jornal Movimento: uma reportagem. Belo Horizonte: Editora Manifesto. 2011. DVD

CÂMARA, João. Magics Engraving. litografia, 1974-1976, p&b., 21,5 x 35,5 cm. Disponível em: < https://www.joocamara.com/obras_series/magicas/>. Acesso em 10 de ago de 2018.

GRILO, Rubem. Jornal Movimento. São Paulo, n. 20, p. 02, 04 de fevereiro de 1977.

Disponível em: AZEVEDO, Carlos (Org.); AMARAL, M.; VIANA, N. Jornal Movimento: uma reportagem. Belo Horizonte: Editora Manifesto. 2011. DVD)